



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da refinaria de Pernambuco

Ipojuca-PE, 16 de dezembro de 2005

Eu sei que vocês já devem estar com fome e eu trago o meu discurso por escrito, porque se eu for falar com o entusiasmo que eu estou aqui, possivelmente eu também fale uma hora e cinco, e eu acho importante dizer algumas mensagens.

Primeiro, quero cumprimentar o meu querido companheiro, amigo e irmão, presidente Chávez. Quero dizer ao Chávez que é uma honra para o povo de Ipojuca, para o povo de Pernambuco e para o povo brasileiro, o sacrifício da tua presença, aqui, no dia de hoje. Não é fácil um presidente da República se locomover do seu país para outro país para participar do lançamento de uma pedra fundamental. E quando conversei com o presidente Chávez, ele, na hora, se dispôs a vir a Pernambuco. Eu quero dizer que é um gesto que certamente eu não esquecerei. Se um dia me convidares para ir à Venezuela, eu prontamente terei que fazer o mesmo que você fez e eu irei à Venezuela.

Quero contar uma história para vocês. Esta refinaria só está sendo possível estarmos aqui, hoje, lançando a pedra fundamental, porque também o governador Jarbas Vasconcelos foi parceiro decisivo. Eu sei que nós teremos eleições em outubro, sei que, no Brasil, o clima já é pré-eleitoral. No meu caso a minha oposição já está na rua gritando há alguns meses, e eu acho que o fôlego vai terminando quando vai se aproximando a data das eleições. Mas eu queria dizer que tinha 9 estados brasileiros querendo a refinaria: Rio de



Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Sergipe, Ceará, Pernambuco, Maranhão e outros estados também queriam a refinaria. Eu chegava num estado, tinha os governadores, muitos deputados ou prefeitos com boton no peito dizendo: "A refinaria é nossa". Eu não poderia, como presidente da República, dizer que a refinaria iria para esse ou para aquele estado. Eu precisava de estudos técnicos e precisava de viabilidade econômica.

A Petrobras, num primeiro momento, não imaginava construir uma nova refinaria; a Petrobras preferia fazer o que está fazendo nas outras refinarias; a Petrobras queria recuperar e melhorar a refinaria do Rio Grande do Sul; a Petrobras queria, e está fazendo, melhorias na refinaria do Paraná; a Petrobras queria e está fazendo melhorias na refinaria de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro; a Petrobras queria, e está fazendo, melhoria na Replan, no estado de São Paulo. E, num primeiro momento, não era esta a visão da Petrobras.

Eu disse ao meu companheiro José Eduardo Dutra, antes do José Sérgio Gabrielli chegar: a Petrobras é uma empresa que tem ações no mercado, tem sócios e, portanto, não é uma empresa em que o governo tenha o direito de dizer o que ela vai fazer a cada momento. Mas eu disse ao presidente José Eduardo e ao meu companheiro, José Sérgio Gabrielli: a Petrobras, ela é tão importante para o Brasil, ela é tão significativa para o Brasil que um projeto dessa magnitude não pode ser uma decisão apenas do interesse econômico financeiro da Petrobras, mas uma decisão estratégica e política dos interesses e do desenvolvimento do Estado brasileiro. E dentro do Estado brasileiro o nosso querido Nordeste.

E a Petrobras levou para o seu Conselho a decisão de fazer a refinaria. E eu tinha dito a todos os governadores, a todos: "quem trouxer parceiros para ajudar a construir, terá a refinaria". Cheguei a jantar com o príncipe da Arábia Saudita, com a ministra Dilma, porque diziam que ele queria fazer a refinaria no Ceará. Jantamos, mas as conversas não avançaram e a refinaria não saiu.



Outros diziam que tinha empresários japoneses, franceses, americanos. Nenhum teve o parceiro que precisava ter.

Vejam como Deus estava olhando para Pernambuco. O presidente Hugo Chávez veio aqui em 2003 ainda, para prestar uma homenagem a Abreu e Lima. Inauguramos um busto de Abreu e Lima. E, naquela ocasião, o governador conversou com o presidente Chávez e nós, então, organizamos uma ida do governador de Pernambuco à Venezuela. Ali nascia o embrião que me permitiu, sem brigar com nenhum governador que queria a refinaria, dizer “a refinaria será instalada em Pernambuco porque o governo de Pernambuco teve a parceria do presidente Chávez, e a Petrobras teve a parceria da PDVSA”. E, portanto, estamos ganhando, agora, este presente, que não é para Pernambuco, é para o Nordeste brasileiro.

Quero dizer aos meus companheiros, Presidente da Petrobras, Presidente da PDVSA, ao meu querido companheiro João Paulo, prefeito de Recife, ao meu querido companheiro Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria e deputado federal, ao meu querido companheiro Humberto Costa, ex-ministro da Saúde, ao meu querido companheiro Eduardo Campos, presidente do PSB e ex-ministro da Ciência e Tecnologia, ao meu querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero, a todos os deputados federais que estão aqui – porque não me deram, aqui, a nominata... E eu trouxe aqui para o palanque uma pessoa especial, que eu aprendi a respeitar, não antes, porque não o conhecia, mas a partir de 1994, que é o meu companheiro Armando Monteiro Filho, que eu fiz questão de apresentar ao presidente Chávez.

Quero dizer ao Prefeito, quero falar aos trabalhadores... Aliás, os trabalhadores da Fazenda dos Trabalhadores podem começar a se preparar porque estamos preparando para assinar a doação definitiva, a posse de terra para vocês aqui na Fazenda dos Trabalhadores, também em uma parceria entre o governador Jarbas e o governo federal.



Quero conversar com as mulheres, com os homens, com os empresários e com o povo do meu país. Eu vou dizer duas coisas. Primeiro, eu vou ler o meu discurso e, depois, eu queria falar com a alma de vocês.

Presidente e querido amigo Chávez,

Eu te conheci, na Venezuela, em um momento em que eu jamais imaginei que a imprensa em um país pudesse fazer com um presidente o que a imprensa da Venezuela fazia contigo. Estava eu um dia no hotel, com meu companheiro Marco Aurélio, assistindo televisão. A propaganda contra o Chávez era de tamanha magnitude, as ofensas pessoais ao Chávez eram de tamanha magnitude, que eu jamais imaginei que, em um país democrático, a imprensa pudesse agir da forma que agiu, contra o presidente Chávez. E agora estamos vivendo, no Brasil, algo semelhante. Estamos vivendo no Brasil um momento, Chávez, em que as pessoas não têm preocupação de saber se é verdade ou não a denúncia. Primeiro se publica para depois, então, não ter nenhuma responsabilidade em apurar. E aqui, Jarbas, você, João Paulo e tantos políticos sabem o significado de uma denúncia que não tem apuração, que não tem prova, mas que vai marcando a alma de cada pessoa atacada e, muitas vezes, não se tem a grandeza de pedir desculpa quando se reconhece que estava errado.

Estamos vivendo essa experiência em outros países. Tenho viajado muito junto contigo e em todos os países há a mesma denúncia, do denuncismo. E eu, companheiro Jarbas, companheiro Chávez, nesses últimos dez anos, depois que eu completei 50 anos de idade, eu aprendi a ter paciência. Eu aprendi a ser mais tolerante, porque eu me convenci de que eu não tenho, para a frente, a quantidade de anos que eu já vivi e que eu, então, preciso viver melhor com a minha consciência, com a minha alma e com o meu coração, o tempo que falta para eu viver.

Eu digo sempre que no meu coração não existe mais espaço para mágoa, não existe mais espaço para rancor. Existe espaço para a



compreensão de cada coisa que acontece no dia-a-dia, seja bom ou seja ruim. Como haverá o dia do juízo final para cada um de nós, haverá o dia em que a verdade irá prevalecer.

Nós tivemos, neste país, alguns grandes presidentes, mas eu vou lembrar de um: Juscelino Kubitschek; eu vou lembrar de um: o que construiu Brasília. Se você tiver acesso ao que a imprensa falava de Juscelino entre 1956 e 1961, você percebe o massacre que se fazia contra o presidente Juscelino Kubitschek. Ele foi cassado, ele não conseguiu reeleger o sucessor, perdeu inclusive o estado de Minas Gerais, foi cassado, teve que morar fora do Brasil. Quarenta e cinco anos depois... esses dias eu vi uma propaganda na TV Globo. Estão fazendo um documentário especial sobre o mais importante presidente da República que o Brasil já teve, 45 anos depois.

Alguém pode ter discordância de Getúlio Vargas, pode não concordar com muitas coisas, mas a verdade nua e crua é que quem mais tinha ódio de Getúlio Vargas era uma pequena parcela da elite brasileira, sobretudo do Sul do país, porque ele acabou com a escravidão dos trabalhadores, criando a legislação trabalhista neste país, dando aos trabalhadores o direito de trabalhar.

E eu, agora, estou mais dedicado a ler a vida desses homens para compreender um pouco a história do meu país, para compreender um pouco a história de outros países e para perceber que nem todo mundo está habituado a viver em democracia. A democracia, presidente Chávez, para algumas pessoas, aqui, no Brasil, ela era boa quando o povo tinha apenas o direito de gritar que estava com fome, porque na cabeça de alguns, esse era o limite da democracia, era o povo poder reclamar que estava com fome. Eles não estavam preparados para que a democracia, levada às suas últimas consequências, fizesse um torneiro mecânico o Presidente da República Federativa deste país. Não estava nos prognósticos e nós estamos provando que a democracia é o melhor dos instrumentos porque ela permite, desde um



grande empresário a um operário chegar à Presidência da República num país da dimensão do Brasil. E esse é um valor tão grande que, possivelmente, alguns levarão alguns anos para saber o significado da dimensão não apenas no Brasil. Nós estamos próximos a uma eleição na Bolívia e lá, também, um índio está prestes a ser eleito presidente da República da Bolívia.

Esse é um avanço, que não é o avanço da inteligência pessoal de ninguém. Esse é um avanço do caminhar, da conscientização dos milhões e milhões de brasileiros e brasileiras intelectuais, operários, camponeses, empresários, ou seja, de toda a gente que vai evoluindo, que vai tomando consciência e que vai vendo que, mesmo nas dificuldades da democracia, é possível a gente construir um espaço de convivência política na adversidade, onde a alternância do poder é a melhor solução para consolidar o processo democrático.

Então, presidente Chávez, aqui no Brasil vivemos um momento muito parecido ao momento que tu viveste na Venezuela. Aqui no Brasil, com a mesma tranquilidade, esteja certo que, no momento certo... não irei precipitar nenhuma decisão, não sou candidato antes do tempo de definir se sou ou não sou candidato. Não farei o jogo rasteiro dos meus adversários, não jogarei pequeno e não baixarei o nível de uma campanha política neste país. Vai ter um momento em que eu vou decidir, e quero que você saiba, o dia em que eu decidir, se for para ser candidato, é para ganhar as eleições aqui neste país, outra vez. Se decidir não ser candidato, iremos escolher um companheiro para ganhar as eleições, porque eu tenho na pele o que nós fizemos na América do Sul e na América Latina. Eu tenho na pele, hoje, o que significa a eleição de Kirchner na Argentina, o que significa a eleição de Nicanor no Paraguai, o que significa a eleição de Tabaré no Uruguai, a tua eleição na Venezuela, o que significa a eleição de tanta gente.

E construímos juntos não uma relação de chefes de Estado, aquela relação em que a gente vai para uma reunião, nos levantamos e nem nos



cumprimentamos. É tanto assessor atrás de nós que a gente nem consegue cumprimentar os companheiros. Estamos construindo mais que uma relação de Estado para Estado, estamos construindo uma relação de companheiros, uma relação de seres humanos que querem governar e sair do governo sem levar uma camisa a mais do que a camisa com que nós entramos, mas deixar para o povo pobre a cidadania que, há tantos e tantos anos, lutam para conquistar no nosso Continente.

E isso, Chávez, incomoda, incomoda demais. Eu digo muito ao Chávez, toda vez que Chávez tem uma briga com o presidente Bush, eu digo: "Chávez, paciência, paciência. Essas coisas a gente resolve conversando um pouco mais". Ainda ontem eu dizia ao Presidente do Banco Mundial da necessidade de fazer investimento em infra-estrutura na América do Sul. Eles têm muito dinheiro, então vamos, aqui, mostrar os principais projetos, e os empresários que estão aqui têm que nos ajudar nisso. Vamos escolher três ou quatro projetos de integração e vamos gastar, seja 10, 15, 20 bilhões de dólares, mas vamos integrar a América do Sul de verdade, com energia, gás, petróleo, energia elétrica, estrada, ponte, senão nós estaremos subordinados a ficar de costas para a América do Sul, olhando para o mundo desenvolvido que agora, na Organização Mundial do Comércio, não estão muito preocupados conosco, porque não querem fazer negociar o fim dos subsídios à agricultura, para facilitar os países mais pobres.

Liguei para o presidente Bush e para o primeiro ministro Tony Blair, dizendo para eles: "chegou o momento de não permitirmos mais que os nossos assessores, ministros ou técnicos continuem negociando na Organização Mundial do Comércio", porque eles chegaram a um impasse, e quando tem impasse dos nossos assessores, chegou a hora de a gente provar para quê a gente foi eleito. E disse ao primeiro ministro Tony Blair, e disse ao presidente Bush: "é preciso convocar o G-8 e é preciso convocar o G-20 para que, em uma reunião presidencial, a gente possa decidir o fim dos subsídios agrícolas,



para que a gente possa ajudar a agricultura familiar no Brasil, para que a gente possa ajudar o pequeno agricultor na Venezuela, para que a gente possa ajudar os agricultores dos países africanos, porque senão será mais um século de países considerados pobres, de terceiro mundo, sem que a gente dê uma única chance". E isso é um trabalho que só pode ser feito porque o Brasil tomou a coragem de dizer ao mundo: nós não queremos ser melhor que ninguém, nós não queremos privilégio com ninguém, nós apenas queremos dizer que nós queremos ser tratados em igualdade de condições, queremos ser respeitados da mesma forma que vocês querem respeito.

E eu acho que isso, Chávez, está possibilitando um avanço. Um avanço extraordinário, um avanço que eu deposito na política externa do meu governo, na política externa do seu governo, porque eu quero dizer para vocês que além da decisão do presidente da República, de ter uma política externa, Deus me permitiu ter um chanceler da qualidade do Celso Amorim que, como poucos no mundo, não tem hora, não tem dia, não tem chuva, não tem nada. O Celso Amorim está andando pelo mundo tentando estreitar as relações de amizade entre o Brasil e outros países. E isso traz o presidente Chávez aqui, numa cerimônia que é mais do que o lançamento da pedra fundamental da refinaria Abreu e Lima.

O que estamos fazendo hoje, presidente Chávez, é dizer ao povo nordestino, a esse povo do estado de Pernambuco que em 1817 já alertava o Brasil fazendo a independência deste estado primeiro do que a independência da Nação brasileira. Este povo de Pernambuco que em 1824 criou a Confederação do Equador e, por isso, foi penalizado, perdeu parte do seu território e muitos heróis, como Frei Caneca, sucumbiram sobre o jugo da coroa portuguesa. Este estado tem história e, na nossa história, está faltando um homem aqui, está faltando o dr. Miguel Arraes. Morreu aos 90 anos de idade mas, certamente, se estivesse vivo estaria aqui, conosco, porque tudo isso fazia parte do sonho, porque tem alguns líderes políticos que são diferentes,



tem alguns que são tão iguais que se a gente não gosta uma vez, não gosta nunca, mas tem outros que são tão diferentes, como o dr. Arraes, que mesmo quem discordava dele tinha que respeitar pela grandeza e pela dimensão que ele dava à política brasileira e à política do Nordeste.

Mas eu dizia, Chávez, que estamos aqui fazendo mais que uma refinaria, estamos aqui, Chávez, dizendo: o Nordeste brasileiro, tal como pensado pelo nosso querido Celso Furtado, que também é nordestino do estado da Paraíba, estamos dizendo: se há décadas houve um momento para o desenvolvimento do Sul, agradeçamos a Deus e aos políticos que ajudaram a desenvolver o Sul. Se houve momentos em que houve decisões para ajudar o desenvolvimento do Sudeste, agradeçamos a Deus e aos políticos da época, que ajudaram a desenvolver o Sudeste. Se houve momentos em que teve políticos que ajudaram a desenvolver o Centro-Oeste, agradeçamos a Deus as decisões. E, agora, chegou a hora de dizer: agora é a vez do nosso querido Nordeste ter a sua chance, ter a sua oportunidade, porque muitas vezes essa região foi esquecida. Em algumas oportunidades em que poderia se desenvolver, uma parte da classe política não levou a sério o desenvolvimento.

Estamos fazendo, aqui, presidente Chávez, não apenas essa refinaria. No começo de janeiro virei ao Nordeste, a Pernambuco e ao Ceará, para dar início à construção de uma ferrovia de 1.800 quilômetros de extensão, ligando o porto de Suape ao porto de Pecém, passando por Eliseu Martins, no estado do Piauí, uma obra de investimento de 4 bilhões e meio de reais. Ontem o ministro Ciro Gomes foi me representar em Fortaleza, na inauguração do pólo siderúrgico. Logo, logo, eu vou dar o primeiro ponto de solda no gasoduto que vai ligar o Sudeste ao Nordeste, fazendo com que a malha seja totalmente ligada. É uma obra de 900 e poucos quilômetros que vai custar por volta de 2 bilhões de dólares. Mas não é apenas isso.

No começo do ano eu virei aqui, outra vez, Jarbas, junto com você para a gente dar o pontapé inicial em Recife, em João Pessoa e em Natal, na



construção da BR-101, que será a integração turística deste país. E, Chávez, aqui a legislação permite tanta briga, a legislação permite tanta disputa que desde março deste ano eu estou para vir aqui dar o início das obras. Mas aí tem briga com o Tribunal de Contas da União. Resolvemos o problema. Aí vamos começar a concorrência, tem briga de empresa com empresa, é liminar aqui, é liminar ali, e as empresas não andam. Eu tomei uma decisão: enquanto os empresários estão brigando, o Batalhão de Engenharia do Exército brasileiro vai começar a fazer as três, porque o Brasil não pode, e os empresários que estão aqui sabem que nós chamamos a Abdib, a companheira Dilma fez reunião para ver se a gente fazia um acordo. Vamos tocar a obra. Mas não houve. Então, nós precisamos dizer: o Brasil não pode esperar que as pendengas, as divergências entre uma minoria, possa prejudicar a maioria do povo que está ávida por desenvolvimento.

Então, veja, presidente Chávez, é a refinaria, é uma BR ligando o Nordeste brasileiro pelo litoral, é uma ferrovia, é um pólo siderúrgico. E o mais sagrado dos projetos, que eu mais amo e que eu mais desejo, que é o programa do biodiesel, da mamona, Chávez. Começamos outro dia e já temos 80 mil trabalhadores rurais trabalhando na produção de mamona para fazer biodiesel. Haverá um dia que não apenas estaremos atendendo o nosso mercado interno, mas estaremos vendendo para o mundo porque nenhum país, mesmo aqueles que têm um território maior do que o nosso, tem a dádiva que Deus nos deu: terra, água e sol para plantar como ninguém e vender para ajudar o mundo a ter um combustível menos poluente e socialmente mais gerador de emprego.

Eu brinco com o José Sérgio Gabrielli de vez em quando, a Petrobras, os trabalhadores aqui, que ainda não leram sobre isso, a Petrobras está cavando poço de petróleo a dois mil metros de lâmina de água, imagina, dois quilômetros de profundidade. Depois que passa dois quilômetros de água, são mais quatro ou cinco quilômetros na terra. Qualquer dia perfuramos um poço e



vamos chegar no Japão. São tecnologias de extraordinária competência, que a Petrobras é imbatível. Tecnologia de primeira grandeza. Mas é caro para fazer tudo isso. E eu falo para a Petrobras, a Petrobras tem que assumir o biodiesel, porque o biodiesel, que é uma complementação da Petrobras, porque eu sonho que um dia a Petrobras irá exportar muito mais petróleo, iremos entrar na OPEP e iremos ganhar parte do dinheiro que o Chávez está ganhando hoje com a venda de petróleo. E esse Chávez é esperto, porque ele vende petróleo para o principal adversário dele que é os Estados Unidos.

Nós vamos, aqui, um dia, vender e vamos utilizar mais o biodiesel. E vejam a diferença que eu falo para o José Sérgio Gabrielli: para fazer um poço de petróleo são milhares e milhares de dólares, para plantar um pé de mamona, é uma covinha com a mão, e para colher, uma pessoa com um metro de altura já pode colher. Vai ficar muito mais barato. E não é apenas o preço, é que gera emprego. Para cada emprego na empresa de transesterificação, essa palavra eu levei uns três meses para aprender a falar sem gaguejar: transesterificação. Ou seja, para cada emprego criado na usina que vai fazer o biodiesel, nós precisamos, para cada um na fábrica, mil no campo.

Então, vai ser uma geração de emprego extraordinária e a gente não vai ver mais no Brasil, sobretudo no Nordeste, trabalhador participando de frente de trabalho, leva pedra para um lado, traz pedra para o outro lado. É uma vergonha que nós, graças a Deus, já abolimos nesses três anos, porque estamos comprando a produção agrícola, porque estamos comprando leite, porque o Pronaf finalmente chegou ao Nordeste brasileiro, porque antes ficava apenas no Sul do país. Então, nós vamos gerar os empregos necessários. E o Nordeste vai poder se orgulhar de dizer, como dizem alguns: Ah, o nordestino é muito bom.

Viu, Chávez, aqui no Brasil se fala assim: “o nordestino é muito bom, ele é pedreiro, ele faz ponte, ele faz estrada, ele faz edifício”. Não é assim que falam de nós? Falam, falam como se nós fôssemos uma raça inferior, só



sabemos fazer ponte e viaduto, só sabemos fazer não sei das quantas. Não. É preciso que a gente olhe para este povo queimado de sol, sofrido, com as mãos calejadas, em muitos lugares deste Nordeste, e diga: “o que eles não tiveram, até agora, foi uma oportunidade”, porque, na hora em que eles têm oportunidade, são iguais ou melhores do que qualquer trabalhador de qualquer parte do Brasil ou de qualquer parte do mundo. Nós, nordestinos, também não queremos ser melhores, também não queremos ser mais bonitos, nós queremos apenas ser iguais, ser tratados, de Norte a Sul, como se fôssemos irmãos. Não adianta dizer que nós temos a cabeça chata ou não, porque dentro dessa cabeça chata nós temos uma massa encefálica de qualidade, neurônios bons, e que podem ajudar a desenvolver este país.

O meu discurso escrito era poético, e eu preferi falar com a minha alma para vocês. Quero dizer a todos vocês, eu acho que o que estamos fazendo pelo Nordeste é uma marca profunda. Certamente, Celso Furtado está no céu, dizendo: “finalmente alguém começou a se preocupar outra vez com o Nordeste”. Só neste estado, só no estado de Pernambuco, estamos fazendo três universidades novas, três extensões: uma em Garanhuns, que já foi inaugurada, uma em Caruaru, uma em Serra Talhada, além da universidade do Vale do São Francisco, em Petrolina. Aqui neste estado, nós estamos trabalhando para que este estado tenha a possibilidade de se desenvolver e de recuperar o tempo em que o Nordeste brasileiro foi esquecido.

Portanto, eu quero dizer para vocês da minha alegria, do meu prazer de ter o presidente Chávez aqui, nesta elegância impecável. Depois que começou a vender muito petróleo e o barril foi para 60 dólares, Chávez está impecavelmente representando um país rico, um país... E quero, Chávez... nós agradecemos, do fundo da nossa alma nós, nordestinos, agradecemos o gesto de grandeza – eu sei que, também, pensando no lado comercial, porque a PDVSA é uma empresa – mas o teu gesto político de prestar uma homenagem a Abreu e Lima, e fazer a refinaria no estado de Pernambuco.



Eu quero que você saiba, meu querido companheiro, que aqui no Brasil tem muita gente que não gosta de você, tem muita gente que te critica, tem muita gente que acha que você é o próprio representante do eixo do mal na América Latina. Eu quero te dizer uma coisa: quero que você saia do Brasil com a convicção de que, onde você estiver, no momento em que você estiver, toda vez que você estiver com a vida política fácil, na Venezuela, não precisa... mas, todas as dificuldades que você tiver, você pode deitar todos os dias e dizer “eu sei que eu não estou só”, porque o presidente Lula é uma grande parcela do povo brasileiro estará contigo, e estará com outros presidentes desse país.

Por isso, eu quero que marquem a data de hoje, sobretudo os jovens. Hoje começa um novo, grande e sustentável ciclo de crescimento do Brasil e de desenvolvimento do Nordeste brasileiro. Eu tenho 60 anos, se Deus me permitir, viverei mais uns 20. Já estarei agradecido demais, porque quando eu tinha 14 anos, pensava que não iria chegar aos 50, já estou com 60. Portanto, eu falo 80, para me deixar chegar aos 70, já está bom. Mas virei muitas vezes ao Nordeste e quero ver estampado, na cara das mulheres, na cara dos homens do Nordeste brasileiro, o sorriso da alegria, o sorriso da satisfação e dizerem em alto e bom som: finalmente, neste país, o Nordeste brasileiro deixou de ser tratado como reproduutor de cidadãos de segunda categoria, o Nordeste brasileiro passou a ser respeitado como todo mundo tem que ser respeitado, ser tratado como todo mundo tem que ser tratado, ter a mesma chance que todo mundo tem que ter, porque este estado produz menos doutores que outra região, este estado produz menos do que deveria produzir. E agora, se Deus quiser, nós vamos deitar a cabeça, hoje, no travesseiro e dizer: finalmente não somos mais, nem somos menos, somos apenas os mesmos, mas somos mais iguais.

Que Deus abençoe o estado de Pernambuco, o Nordeste brasileiro e o nosso querido companheiro Jarbas Vasconcelos e o presidente Chávez.